

V Marcha da Periferia: Recontextualizações de sentidos de paz e gramáticas de resistência na luta contra o extermínio de crianças e jovens em Fortaleza

Claudiana Nogueira de Alencar

Introdução

“A marcha fúnebre prossegue!” Com a enunciação desse ato de fala, uma rede de movimentos e entidades que lutam contra o extermínio de crianças, adolescentes e jovens das periferias de Fortaleza, inicia seu convite, publicado nas redes sociais, para a organização da V Marcha da Periferia. O enunciado metafórico inicial indexicaliza a dureza dos fatos: conforme o Relatório do Comitê Cearense pela prevenção de Homicídios na Adolescência (2016, p.5) “em 2015, 816 meninos e meninas de 10 a 19 anos foram mortos no território cearense, sendo 387 apenas na capital Fortaleza.”

A chamada para a V Marcha da Periferia denuncia em seu discurso a violência da quinta capital do país, que é seletiva, uma vez que os homicídios vitimizam preferencialmente pobres e negros: “Fortaleza se destaca como cidade mais violenta do País, a décima segunda mais violenta do mundo. A capital da Terra da Luz virou um campo de extermínio de negros. Pra cada branco assassinado são 3 negros que tombam”.

E continua em enunciados performativos, atos de fala, que justificam a escolha do tema dessa V Marcha, “Por Memória e Justiça”: “A marcha fúnebre atingiu seu maior drama em novembro de 2015 com a Chacina da Messejana. Onze inocentes mortos brutalmente pela polícia. Desde então as periferias se levantaram”.

Neste artigo, proponho uma análise da V Marcha da Periferia com o intuito de investigar as recontextualizações do sentidos de paz como parte de uma gramática de resistência ao extermínio da infância e da juventude pobre e negra da periferia. Parto de uma perspectiva de

pesquisa linguística interventora, a Pragmática Cultural, que articula as relações entre linguagem e cultura e considera o caráter terapêutico e crítico da linguagem no enfrentamento aos problemas sociais do nosso tempo.

1. Linguagem como ação e gramáticas de resistência

A partir das noções de palavra-mundo (FREIRE, 1970), atos de fala (AUSTIN, 1962, 1990) e jogos de linguagem (1989) e de linguajar (MATURANA, 1998), tenho buscado posicionar a Pragmática Cultural nos Estudos Críticos da Linguagem para pensar a linguagem como ação e como um processo continuamente transformador. Todos esses autores enfatizam a relação das nossas práticas de linguagem com o nosso cotidiano, com nossa cultura, permitindo-nos estabelecer uma articulação teórica entre a Pragmática e a Antropologia linguística, para pensar os nossos modos de viver-conviver na linguagem, em uma perspectiva menos assimétrica. Daí a necessidade de buscarmos um trabalho de pesquisa que nos pense enquanto sujeitos co-participantes e co-construtores de linguagens muitas, buscando minimizar a assimetria dos modelos de pesquisa interpretativa, operantes da dicotomia sujeito-objeto. A Pragmática Cultural busca, portanto, realizar uma pesquisa participante cartográfica que nos permita olhar sensivelmente, não apenas para a nossa gramática, para os nossos modos explicativos da realidade, mas também para as formas de vida e saberes populares, para as linhas e rotas propostas pelos próprios sujeitos “investigados” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 114).

Nessa direção, Paulo Freire (1987) questiona a distinção entre sujeito e objeto, reconhecidos em sua teoria problematizadora como educador(a) e educando(a). Para o autor, deve ser estabelecida uma relação dialógico-dialética, uma vez que a produção de conhecimentos deve acontecer de modo coletivo e compartilhado. Ao contrário do que pensa a teoria antidialógica, nunca se chega em uma prática de produção de conhecimento vazio, uma vez que a todo sujeito articula a leitura de mundo com a leitura da palavra (Freire, 1970).

Essa relação entre linguagem e realidade é também articulada por teóricos da filosofia da linguagem ordinária como John Austin e

L. Wittgenstein. Austin (1962) discute o papel performativo da linguagem, por meio do seu conceito de atos de fala (os enunciados que são produzidos por nós, não apenas dizem sobre algo, mas o dizer é um modo de ação). Na linha pragmática inaugurada por Austin, nossas práticas sociais, nossa realidade, é o resultado de nossos atos de fala performativos.

Na mesma direção, o filósofo Wittgenstein (1958) afirma que o “falar da linguagem é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (§ 23, IF), trazendo-nos uma compreensão antropológica da linguagem. Um dos conceitos nodais para essa compreensão é o conceito de jogos de linguagem entendidos como práticas culturais vivenciadas em nosso cotidiano. Os jogos são, portanto, dinâmicos e históricos, constitutivos de gramáticas culturais (ALENCAR, 2015).

Neste trabalho, consideramos a “Marcha da Periferia” como um jogo de linguagem constitutivo de uma gramática cultural de resistência ao sistema-mundo capitalista colonial e patriarcal (GROSFOGUEL, 2009). Para Wittgenstein, se refere ao ordenamento histórico das formas de vida, o que significa práticas culturais reguladas.

“Gramática cultural” não diz respeito a um sistema de regras sintáticas, constitutivas de uma língua, mas ao estabelecimento, muitas vezes invisível, de regras culturais, constituídas na historicidade de nossas formas de vida, que respondem pelo ordenamento de discursos, de subjetividades e de ideologias (DAS, 2007).

Essa visão pragmática de linguagem como forma de vida nos conduz a algumas categorias analíticas propostas pela Antropologia linguística, quais sejam: entextualização e recontextualização. Para Rampton (apud MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 66), a entextualização é a formulação de uma experiência em linguagem (palavras e enunciados); enquanto a transposição é “o mover de um texto por meio de entextualização para outra situação; enquanto a recontextualização são os novos sentidos atribuídos ao texto no processo de transposição, ou seja, em seu novo contexto”. Desse modo, quero observar, em seus sucessivos fluxos de entextualização-descontextualização-recontextualização (FABRICIO, 2014), como os discursos da Marcha da Periferia geram discursos reconfigurados, ressignificados acerca da violência e da paz na sociedade capitalista.

2. A marcha da periferia e a gramática de resistência

A periferia se levanta! São 15h do dia 11 de novembro de 2017, mas o sol causticante do Ceará é aliviado pelo vento e pelos verdes mares bravios da Praia de Iracema, local marcado para a concentração e início da 5ª Marcha da Periferia de Fortaleza – Por Memória e Justiça: 2 anos da Chacina da Grande Messejana. A Estátua de Iracema se misturava com a beleza e a força de muitas e muitos jovens, que levavam faixas, instrumentos e bandeiras, juntos com as mães de crianças, de adolescentes e de jovens que perderam seus filhos e filhas, vitimados pela violência. As mães levantavam cartazes com as imagens e fotografias dos seus filhos e filhas, pedindo justiça.

Figura I



Mães que transformaram seu luto em luta, 11 de Novembro de 2017.
Foto da autora.

Ao tomar a palavra ao microfone, uma das Mães do Curió⁴, afirmou: “O que me deixou mais triste foi saber que eu paguei a bala que matou meu filho!” Longe de termos aqui um ato de fala constativo, o ato de fala enunciado por essa mãe é claramente uma performance linguística de denúncia diante da participação de policiais militares na chamda Chacina da Messejana.

⁴ Nome designado para as mães que perderam seus filhos na cruel Chacina da Grande Messejana ou Chacina do Curió, que se organizaram para lutar por justiça. Curió é umas das comunidades que constituem o território da Grande Messejana. Trinta e oito policiais militares, diretamente envolvidos, foram indiciados pela Delegacia de Assuntos Internos (DAI) por participação no assassinato de 11 pessoas na chamada Chacina da Messejana, ocorrida na madrugada, entre os dias 11 e 12 de novembro de 2015, em Fortaleza. Apesar de indiciados, ninguém ainda foi punido, pois as prisões foram revogadas. De acordo com a polícia, 11 pessoas foram mortas a tiros e cinco ficaram feridas. Também houve

Como tenho interesse de investigar os modos de transformação das formas de vida na materialidade linguística, é propício considerar a marcha como um jogo de linguagem para entender a “mobilidade de textos e contextos culturalmente situados”. No caso investigado, entendemos que a marcha que seria considerada de origem militar é descontextualizada (deslocada do seu contexto inicial), entextualizada (viaja por outros contextos, tais como Marcha do Movimento Negro, Marcha das Mulheres Camponesas, Marcha da Vadias, etc) e é finalmente recontextualizada em outra situação comunicativa, o extermínio da juventude pobre e negra, e se transforma em um jogo de linguagem de ação política e social de resistência ao discurso capitalista-neoliberal, parte das gramáticas de resistência dos movimentos sociais. Para Gohn (2011, p. 335), os movimentos sociais são

como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas.

Assim, como lemos acima, para Gohn, a marcha seria um tipo de estratégia dos movimentos sociais. No caso da Marcha da Periferia, temos não apenas um movimento social na organização, mas uma rede de movimentos e entidades que constituem a 5ª Marcha da Periferia de Fortaleza – Por Memória e Justiça: 2 anos da Chacina da Grande Messejana. Foram estas as organizações e movimentos envolvidos na construção da quinta marcha: Associação Amorbases da Serrinha; Associação das Mulheres em movimento do Palmeiras; Bonjaroots; Centro de Defesa da Criança e do Adolescente do Ceará (CEDECA Ceará); Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS); Cine Cururu; Coletivo Motim; Coletivo Nacional de Juventude Negra – ENEGRECER; Coletivo Nigéria; Coletivo Socioambiental Jangu;

tortura física e psicológica. Das vítimas fatais, apenas dois respondiam por crimes de menor gravidade, um por acidente de trânsito e o outro por falta de pagamento de pensão alimentícia. Quatro pessoas entre os mortos são adolescentes com menos 18 anos; outros três têm entre 18 e 19 anos de idade. Uma outra pessoa assassinada tem 41 anos.

Coletivo Tentalize; Coletivo Voz e Vez; Coletivo Zóio-Fotógrafos de Periferia; Comitê Cearense pela Desmilitarização da Polícia e da Política; Conselho Regional de Psicologia-CE; Conselho Regional de Serviço Social (CRESS); Escritório de Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito de Alencar (EFTA); Fórum Cearense de Luta Antimanicomial; Fórum Cearense de Mulheres; Fórum DCA; Instituto Negra do Ceará (Inegra); Levante Popular da Juventude; MAIS; Maracatu Nação Bom Jardim; Movimento Afronte; Movimento Hip Hop Nós por Nós; Movimento Negro Unificado (MNU); NOS; Núcleo Padre Chico; Palmerê; Pastoral Operária; Rede DLIS; Rede Nacional de Religiões Afro Brasileiras e Saúde; Sarau da B1; Tambores do Gueto; Trupirambu.

Seguindo, pois o fluxo de entextualização da Marcha, percebo que ela se recontextualiza, de modo textual, no discurso de negativa da Polícia Militar, assumindo as cores do discurso do movimento pela desmilitarização da polícia. Esse discurso se materializa na palavra de ordem, bastante performatizada pelos jovens durante a marcha: “Não acabou, vai acabar! Eu quero fim da Polícia Militar”!

Figura II



A juventude marcha, 11 de Novembro de 2017. Foto da autora.

Conforme Santos (2016, s/n): “a proposta de desmilitarização consiste na mudança da Constituição, por meio de Emenda Constitucional, de forma que polícias Militar e Civil constituam um único grupo policial, e que todo ele tenha uma formação civil e não militarizada”.

3. Recontextualizações dos sentidos de paz

Ao final da V Marcha da Periferia, na sua retaguarda, tínhamos uma faixa que explicitava a luta da periferia pela paz e pelo enfrentamento da violência.

Figura III



Paz na periferia, 11 de Novembro de 2017. Foto da autora.

No entanto, o ato de fala “Paz na Periferia” enunciado na faixa traz um contra-discurso, performatizado em poemas de jovens da periferia. Um dos poemas diz: “Enquanto eles derramarem sangue inocente, contra atacaremos com a nossa arte e os nossos sonhos de paz”. Quando percebemos a heterogeneidade discursiva marcada no par “eles/nós”, entendemos que a Polícia Militar é o outro de quem a juventude da periferia quer se opor. Tal suposição é marcada em um dos depoimentos proferido por uma das Mães, quando a Marcha parou em frente a um grande restaurante, ao lado do Clube ideal, ainda na Praia

de Iracema: “a polícia trabalha na Aldeota, trabalha aqui nessa área nobre; na periferia a polícia humilha e derrama o sangue inocente”.

Como vimos, para a Antropologia linguística, a recontextualização são os novos sentidos atribuídos ao texto no processo de transposição, ou seja, em seu novo contexto. Nesse sentido, a lexia “paz” é negada em muitos pronunciamentos durante a Marcha. A crítica a ideia de paz como utilizada para estigmatizar a juventude por meio de um discurso que naturaliza a juventude da periferia como violenta. Tais discursos que pretendem promover a paz por meio da repressão são recontextualizados na ideia de “pacificação”. Nos versos do Enquadro Rap, grupo formado por jovens da Serrinha, encontramos a metáfora “a pomba branca está pintada de vermelho”. Assim o símbolo da paz nos discursos tradicionais não é aceito na periferia, uma vez que a invés desse branco, “só vejo sangue derramado o dia inteiro”. Portanto, o Programa de Segurança do Governo do Estado do Ceará, Ceará Pacífico, é duramente contestado nos seguintes atos de fala em forma de palavras de ordem:

- a) Não é de borracha / na favela a bala da polícia mata!
- b) Capitalismo é um horror / destrói a vida, a natureza e o amor!

Nesse sentido, eram recorrentes, nos proferimentos a microfone, atos de fala como esse enunciado: “a polícia militar é o braço armado do Estado, um Estado que está aí para garantir o interesse do sistema”.

Entendo, portanto, os atos de fala e o jogos de linguagem como reinscrição de resistência dos movimentos sociais e culturais. Do mesmo modo, percebo que um enunciado, uma prática discursiva, um jogo de linguagem dependente de outro para existir e se reproduzir, como nos diz Mey (2014). Para o autor, a teoria dos atos pragmáticos mostra a importância de considerarmos a historicidade das cercanias de espaço e tempo. E são essas categorias espaço-tempo, mais do que necessárias para entendermos os processos de entextualização. São mais do que necessárias para que a arte contra-hegemônica seja compreendida em seu poder criador de ser arte, como tão bem nos mostra as juventudes da periferia. Como podemos ver representada nos movimentos culturais presentes na marcha, como movimento cultural hip-hop Nós por Nós, cuja bandeira aparece na imagem a seguir:

Figura IV



Hip-Hop Nós por Nós, 11 de Novembro de 2017. Foto da autora.

Nesse fluxo de recontextualização do sentido da paz, trago na despedida desse artigo, o poema de Marcelino Freire para dialogar com a força ilocucinária da V Marcha da Periferia:

Eu não sou da paz. Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça. Uma desgraça. Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator? Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não. Não vou. A paz é perda de tempo. E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo. A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo? Um bando de gente. Dentro dessa fila demen-

te. A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira. A paz parece brincadeira. A paz é coisa de criança. Tá uma coisa que eu não gosto: esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue. Já disse. Não quero. Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata. Não saio. Não movo uma palha. Nem morta. Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar. A paz está proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém. Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou. Não vou. Sabe de uma coisa: eles que se lasquem. É. Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei. Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou? Vou fazer mais o quê, hein? Hein? Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor. A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É. Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada. Sabe, não sabe? A paz é que não deixa.

Considerações finais

O caráter preferencial da violência como colonizador do ser, relacionado à exploração capitalista, ao racismo, à discriminação geracional é enfrentado por meio da Marcha da Periferia. Como um jogo de linguagem, a Marcha se constrói como novos modos de resistência ao sistema-mundo capitalista que mostra na periferia o seu caráter mais cruel: o extermínio de crianças e jovens.

Procurei, portanto, mostrar como a rede de movimentos juvenis que luta contra o genocídio de nossas crianças e jovens se utiliza de uma gramática cultural que traz a poesia, a palavra como arma de luta, por meio de uma terapia da linguagem, que encontra um modo libertador de reexistir, resistindo ao “braço forte do Estado”. Tal gramática

apresenta, por meio do jogo de linguagem “Marcha da Periferia”, uma forma intersubjetivamente solidária e revolucionária de viver e transformar o mundo cruel e violento a sua volta.

Referências

- ALENCAR, Claudiana. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, M.G, ABRIATA, V.L. R., MELO, G.C.V. de, MANZANO, L.C.G, CÂMARA, N. S. (Org.). **Discurso: sentidos e ação**. 1. ed. Franca: UNIFRAN, 2015, v. 10, p. 141-162.
- _____. Linguagem, dor e agência: a gramática decolonial dos trabalhadores rurais sem terra. **Linguagem em Foco** (UECE), v. 2, 2015.
- _____. Pragmática cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.) **Nova Pragmática: modos de um fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.
- AUSTIN, John. **How to Do Things with Words**. Harvard University Press, 1962.
- _____. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução de Vânia Z. Cardoso. **ILHA** (Revista de Antropologia), 1990, p. 185-229.
- BONFIM, Marco; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Trajetórias Textuais, Indexicalidade e Recontextualizações de resistência no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos Linguagem de Sociedade**, UnB, 18(2), 2017 p. 27-44.
- DAS, Veena. **Life and words. Violence and the descent into the ordinary**. Berkeley: University of California Press, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, maio-ago. 2011.
- GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES,

Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Maria Aparecida. III Marcha da Periferia: ativismos político-culturais contra a criminalização da juventude pobre e negra. **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, agosto de 2016, João Pessoa-PB.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso- LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014.

MEY, Jacob. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: SILVA, D., ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. pp. 78-100.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations** [Investigações Filosóficas]. Bilíngue Alemão/Inglês. G.E.M. Anscombe & Rush Rhees (eds.). Tradução de G.E.M. Anscombe. Oxford: Blackwell. 1958.